

PEDICULOSE NA ESCOLA, UMA ABORDAGEM DIDÁTICA

Paula Aiello Tomé de SOUZA¹
Fernanda Del Campos de MATOS¹
Enio Setsuo ARAKAKI²
Eduardo Gabriel DOMINGUES¹
Newton Goulart MADEIRA³

Resumo: Este projeto consiste em pesquisar o conhecimento dos professores das escolas de ensino fundamental da cidade de Botucatu sobre pediculose e a elaboração de um material didático a respeito da biologia e prevenção do piolho-de-cabeça. Distribuição do material didático e palestras dirigidas foram realizadas para os professores participantes.

INTRODUÇÃO

A infestação por piolho da cabeça (*Pediculus capitis*), também conhecida como pediculose, é um problema recorrente na população mundial, acometendo, sobretudo crianças em idade escolar atrapalhando o rendimento na escola devido à diminuição da auto-estima, e comprometendo suas atividades diárias. No Brasil verificou-se que nos alunos da 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental o piolho se tornou um grande problema de saúde pública (Borges e Mendes, 2002). Na escola muitas atividades e brincadeiras são desenvolvidas em grupo favorecendo a transmissão pelo contato direto entre as crianças. Por ser uma fase de formação a criança, nessa faixa etária não possui muitas noções básicas de higiene, assim muitas vezes não sabem que estão com piolho e muito menos conseguem constatar que estão infestadas. Somando a isso, geralmente, os pais por trabalharem fora de casa não têm tempo para verificar a presença de piolhos em seus filhos ou até mesmo por não possuírem informações corretas para tratar a infestação.

Estudos mostraram que orientações sobre prevenção da pediculose dadas a um grupo de mães levaram a uma queda significativa na freqüência da infestação e também que os professores exercem uma forte influência orientando os pais. Foi observado, no México, que as escolas onde os professores não dão informação sobre prevenção e controles da pediculose apresentavam um grande número de crianças infestadas. E uma pesquisa realizada em Botucatu entrevistando os pais de 118 crianças, 65% afirmaram que o sono de seus filhos é afetado quando o piolho está presente; um número menor (18%) relatou causar irritação nas crianças (Alencar et al. 2005). Ainda não se sabe o quanto estes sintomas comprometem o aprendizado, mas muitas crianças são ridicularizadas pelos colegas e abaladas na sua auto-estima, podendo ser causa do baixo aprendizado e abandono da escola.

¹ alunos do Curso de Ciências Biológicas IB-UNESP-Botucatu.

² aluno do Curso de Ciências Biológicas IB-UNESP-Botucatu. Bolsista do Projeto.

³ Professor do Departamento de Parasitologia IB-UNESP-Botucatu. Orientador do Projeto

Atualmente a principal forma de combate a pediculose, utilizada pela população, são os tratamentos químicos. Eles são facilmente encontrados na farmácia ou fornecidos pelos postos de saúde, mas na maioria dos casos tem se constatado que estão sendo utilizados de forma errada. A utilização de dosagens baixas (quando usado com o cabelo molhado) é um dos principais fatores que leva ao aparecimento da resistência (Burgess, 1995). O diagnóstico incorreto leva a aplicação de pediculicidas sem necessidade e ao mau uso dos produtos químicos (Monsen e Keller, 2002), levando ao gasto desnecessário de dinheiro, por parte dos pais de família e do governo. O uso repetitivo do medicamento pode causar o aparecimento de resistência na população de piolhos. Piolhos resistentes aos piretróides, droga utilizada no controle, varia entre as populações de piolho. Um exemplo disso é o que ocorreu em Buenos Aires, a taxa de resistência mais baixa foi em torno de 2% e a mais alta em 89% (Vassena et al., 2003), assim não se mostrando uma forma eficaz de combate. A utilização indiscriminada e o mau uso dos piretróides podem levar à adoção de medidas de controle danosas a criança. Em contra partida o uso do pente fino como forma de tratamento é mais barato e vem sendo muito utilizado em países desenvolvidos, sua eficiência pode ser superior ao tratamento químico (HILL et al, 2005). O pente fino quando utilizado para diagnóstico chega a ser cinco vezes mais eficiente do que as outras formas empregadas para a verificação da presença da pediculose em escolares (MUMCUOGLU et al, 2001).

Nos últimos setes anos vários conhecimentos novos foram obtidos em relação à biologia do piolho da cabeça, estas informações são de grande ajuda aos pais e professores no manejo da pediculose no lar e na escola.

Com base num questionário que elaboramos e aplicamos aos professores, do ensino fundamental de sete Escolas Municipais de Botucatu, somado a uma ampla revisão da literatura, o presente trabalho teve por objetivo esclarecer suas dúvidas. Uma apostila didática foi por nós desenvolvidos e palestras sobre a biologia do piolho, onde o incentivando o uso do pente fino no controle da pediculose foi desenvolvido.

EXECUÇÃO DO PROJETO

O nosso orientador definiu o projeto como “Pediculose – uma abordagem didática” e formamos um grupo de quatro estagiários no total. O conhecimento e atualização do assunto foram realizados por meio de reuniões semanais onde discutíamos sobre o *Pediculus capitis* após a leitura de artigos científicos. Foi priorizado artigos de revisão de literatura e busca de dados atualizados a respeito. Toda semana nos reuníamos com o orientador para discutir os artigos lidos e tomávamos nota dos dados importantes para a posterior confecção do material didático.

Ficamos curiosos para saber o que os professores pensavam a respeito da pediculose e qual a experiência que existia em sala de aula. Devido a nossa necessidade de conhecer essa realidade procuramos elaborar um questionário para os professores, da rede pública de ensino fundamental I, com o intuito de descobrir as principais dúvidas e conhecimento que eles tinham sobre o assunto. Foi entrevistado um total de 63 professores de 6 escolas do Município de Botucatu.

A elaboração do questionário foi baseada nas informações selecionadas dos artigos científicos, na observação de sites e outras práticas sobre pediculose em países como Inglaterra, México, Estados Unidos da América. Alguns dados foram obtidos da OMS, contando principalmente com as diretrizes do nosso orientador, sempre levando o nosso olhar para o ensino, de maneira a orientar os docentes a tratar corretamente sobre este assunto.

O questionário conteve 25 questões, sendo 10 abertas e 15 fechadas (concordo ou discordo) sobre biologia, diagnóstico, transmissão, tratamento, prevenção do piolho, e uma abordagem educacional (ensino sobre piolho – conhecimento, atitude, prática) adotada na sala de aula, além de dados dos professores (sexo, anos de experiência, nível de formação). Após a elaboração do questionário confirmamos com as coordenadoras das escolas a visita no horário desejado por elas. Fomos à escola e aplicamos o questionário. Todos os professores nos receberam atenciosamente já mostraram interesse, dúvidas pelo assunto. Pediram para voltarmos à escola e sanar, esclarecer suas dúvidas. Isto foi realizado em forma de palestra depois do material didático confeccionado e impresso para ser distribuído.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi desenvolvido em seis escolas públicas de ensino fundamental I na cidade de Botucatu-SP. A direção de cada escola foi consultada para obtenção da permissão dos professores em participar da pesquisa. Durante o período dedicado a atividade didática extra classe, conhecido por HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), os professores foram informados sobre os objetivos do trabalho e pedido para responderem um questionário. O questionário elaborado pelos estagiários, contou de perguntas abertas e fechadas, abrangendo informações sobre nome da escola, séries para quais leciona, formação e tempo de experiência, além de questões relativas ao conhecimento, à prática e a atitude quanto a pediculose. Os dados foram tabulados numa planilha no Excel em função das respostas fornecidas por cada um dos docentes. Posterior a esse procedimento, tabelas de contingência foram construídas e submetidas ao teste do qui-quadrado para estudo da relação bivariada entre as variáveis em função do tempo de atuação na docência, formação educacional e escola onde as informações foram obtidas de cada um dos professores. As análises foi processadas no programa EpilInfo 2000.

RESULTADOS

Grande parte dos professores é formada em curso superior ou tem especialização na área e com 17 ou mais anos de experiência (Tabela 1).

A conduta praticada por eles em relação a pediculose na escola se processou de diferentes formas. Muitos professores (86%) avisam aos pais e os orienta quando há alunos com piolho, sendo que apenas informam foi assinalado por 33% deles. Há uma política em esclarecer os alunos quanto à pediculose e todos (100%) os professores o fazem em algum momento do período letivo.

Um pouco mais da metade dos entrevistados (52%) acredita não haver relação entre a estação do ano e a pediculose, sendo que esta ocorre em qualquer época, embora 25% considerem o verão como o período mais propício (Tabela 2).

Grande parte das escolas não tem uma pessoa responsável em diagnosticar a infestação e apenas 5% afirmaram haver alguém com esta função. Entretanto o diagnóstico é realizado por 50% dos professores, a presença de lêmnea e o prurido são os mais utilizados no diagnóstico. O tratamento mais indicado foi o pente fino ou a catação (65%) e o tratamento químico foi mencionado por 21% (Tabela 2).

A escola é vista pelos pais como o local onde os seus filhos são infestados, 84% dos professores relataram terem recebido reclamação a esse respeito.

O piolho é mais prevalente em crianças provenientes de lares com menor recurso financeiro (36,5%) e com menor cuidado higiênico (76%) (Tabela 2). A aquisição do piolho, também ocorre pelo contato com animais (24%) e pela capacidade de pular de uma pessoa a outra (67%). O piolho foi tido como vetor de patógenos por 83%. A infestação é igualmente prevalente em ambos os sexos, apenas 38% citaram o sexo feminino como o mais infestado (Tabela 2). A possível ocorrência em adultos foi alta, sendo que 97% afirmaram que esta é possível. Quase metade dos entrevistados (52%) são a favor de que os alunos infestados não frequentem as aulas, embora 60% não concordem que o problema da pediculose seja de exclusividade dos pais. O teste estatístico mostrou que a chance dos professores com formação apenas de magistério estavam menos propensos a aceitarem a exclusão do aluno com piolho em relação aos demais ($\chi^2 = 6,96$; $p=0,009$).

Outro ponto de vista bastante comum foi que a criança infestada sofre discriminação dos colegas (83%).

O papel do professor foi visto como importante na difusão do conhecimento sobre piolho aos alunos (87%). Estes ensinamentos ajudam a diminuir a infestação (92%) e pode ser benéfico no âmbito escolar (100%). Estas informações estavam distribuídas de forma entre os professores entrevistados que os testes estatísticos utilizados não foram capazes de discriminar as variáveis em relação ao tempo de atuação na docência, formação educacional e

estabelecimento de ensino. Isso sugere que o tamanho amostral deve ser maior para obtenção dos fatores discriminantes ou que estas variáveis podem ser reais na população dos docentes de Botucatu.

TABELA 1
Características dos respondentes

Formação educacional	
Magistério	8 (15,9%)
Especialização	7 (11,1%)
Superior	48 (76,2%)
Tempo de Exercício (em anos)	
1 a 5	10 (15,9%)
6 a 10	15 (23,8%)
11 a 16	11 (17,5%)
17>	27 (42,8%)

TABELA 2
Conhecimento, atitude e prática dos professores relativos ao piolho da cabeça.

Questão	SIM (%)
O piolho é mais freqüente em crianças com menos recursos financeiros?	36,5
O piolho é mais freqüente em famílias com maus hábitos higiênicos?	76,2
O piolho pode ser adquirido dos animais?	23,8
Coçar a cabeça é sinal de piolho?	28,6
O piolho salta e voa?	66,7
O piolho transmite doenças?	82,5
O piolho também aparece em adultos?	96,8
Meninas têm mais piolho?	38,1
Aluno infestado não deve ficar na escola?	52,4
Problema do piolho é de exclusividade dos pais?	39,7
A criança com piolho é discriminada pelos colegas?	82,5
A escola é a principal fonte de transmissão do piolho para os alunos?	44,4
É importante o professor ensinar sobre piolho?	87,3
O professor ao ensinar pode diminuir a infestação dos alunos?	92,1
O ensino sobre o piolho pode trazer algum benefício a escola?	100,0

DISCUSSÃO

A formação continuada faz parte do aperfeiçoamento profissional do educador, a pediculose deve ser um dos tópicos contemplados nesta formação. A constatação do aparecimento da resistência as diferentes drogas utilizadas para o combate a pediculose (Gratz, 1997) provocou a retomada dos estudos, básicos e aplicados, do *P. capitis*. Desde o começo deste século novas pesquisas foram realizadas em número considerável, levando ao aumento dos artigos científicos sobre esse inseto. O acompanhamento da literatura nem sempre está ao alcance de todos os docentes e nem o tempo dedicado ao planejamento e execução das atividades didáticas permite um aprofundamento nos diversos campos da ciência. A pediculose, devido ao aumento do número de infestados, está causando preocupação crescente aos educadores e pais. Os educadores se mostraram dispostos a contribuir e percebem que o seu esforço pode levar a diminuição da infestação.

A escola como local de formação e informação é ideal para o desenvolvimento de atividades educativas que tenham o objetivo de sanar ou impedir o aparecimento de parasitas, como é o piolho, e outros agravos à saúde.

Algumas questões respondidas mostram que há necessidade de informações sobre o piolho da cabeça. Como exemplo, a afirmação que o piolho salta ou voa, esta concepção leva a um temor de que é possível se infestar apenas estando presente em um local onde exista uma pessoa parasitada. Essa concepção, associada à opinião errônea da capacidade do piolho também transmitir doenças, leva ao aumento do nível de estresse entre os docentes e possivelmente aos discentes, o que pode comprometer o bom andamento da atividade didática. A afirmação de que a criança parasitada é discriminada pelos colegas pode ser causa de rixa entre eles e levar desarmonia para a escola. O fato de algumas pessoas terem a sua auto-estima diminuída pode comprometer o aprendizado e ser causa de absenteísmo ou mesmo abandono dos estudos.

ELABORAÇÃO DO MATERIAL

A partir daí, preparamos um material didático com o título: “O piolho na sala de aula” para esclarecer as possíveis dúvidas, correção das informações erradas e dos mitos que existem. Abordamos cinco itens principais: biologia, diagnóstico, transmissão, tratamento, prevenção e ainda sugestões de como falar do piolho em sala de aula nas diferentes matérias lecionadas por eles.

A confecção deste material foi muito prazerosa, pois pudemos ilustrar de uma maneira mais clara o piolho, ciclo, algumas curiosidades. A apostila didática foi escrita em forma de perguntas e respostas em uma linguagem clara e de fácil entendimento. E para melhor ilustrar colocamos junto ao texto figuras (de ciclo de vida, de modo de transmissão, do

uso de pente fino e como limpar o mesmo) e fotos (de lêndea, de ninfa e do piolho adulto). Mandamos imprimir este material em quatro cores para melhor visualização das fotos e esquemas.

Com a apostila em mãos voltamos às escolas para dar as palestras aos professores. Nesses encontros eles tinham muitas dúvidas acerca da pediculose e, ficamos muito gratificados em poder explicar as suas dúvidas. No final de cada palestra entregamos a eles o material e pedíamos que enviassem as críticas e sugestões para que o projeto continue crescendo; as críticas foram boas e sugestão de muita valia. A nosso ver eles ficaram satisfeitos e pediram que retornassem para continuar o projeto.

Nossa conclusão é que, também, se faz necessária à atualização dos docentes por meio de visitas as escolas. A ida e oferecimento de atualização dos professores na escola foram muito proveitosos e ganhos foram obtidos de ambos os lados. Houve um estabelecimento de confiança entre as partes, permitindo que o resultado fosse interativo, o trabalho agradável na execução e com aplicação prática no ambiente escolar.

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Parasitologia e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP ao apoio pedagógico e científico.

E, também, a PROGRAD pelo financiamento de todo o projeto por meio do Núcleo de Ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, R.A.; SILVA, S.; MADEIRA, N.G.; Avaliando o conhecimento, a prática e a atitude da população em pediculose. In: *XLI CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL*, p.30, 2005, Florianópolis.
- BORGES, R.; MENDES, J. *Epidemiological aspects of head lice in children attending day care centres, urban and rural schools in Uberlândia, central Brazil*. Mem Inst Oswaldo Cruz, v.97, p.189-92, 2002.
- GRATZ, N.G. *Human lice: Their prevalence, control and resistance to insecticides*. WHO/CTD/WHOPES/97.8.1997 Geneva: WHO.61pp.
- HILL, N.; MOOR, G.; CAMERON, M.M.; BUTLIN, A.; et al. *Single blind, randomised, comparative study of the Bug Buster kit and over the counter pediculicide treatments against head lice in the United Kingdom*. BMJ., v.331, p.384-7, 2005 .
- MEINKING, T.L.; SERRANO, L.; HARD, B.; et al. *Comparative in vitro pediculicidal efficacy of treatments in a resistant head lice population in the United States*. Arch Dermatol., v.138, p.220-4, 2002.
- MUMCUOGLU K.Y; FRIGER, M; IOFFE-USPENSKY, I; BEN-ISHAI, F; MILLER J. *Louse comb versus direct visual examination for the diagnosis of head louse infestations*. Pediatr Dermatol, v.18, p.9-12, 2001.
- PLASTOW, L.; LUTHRA, M.; POWEL, R.; et al. *Head lice infestation: bug busting vs. traditional treatment*. In: Journal of Clinical Nursing, 2001: 10: 775-783
- VASSENA C. V, OUGABURE-CUETO G. M, AUDINO G P, ALZOGARAY, R. A , ZERBA, N, PICOLLO, M. I. *Prevalence and Levels of Permethrin Resistance in Pediculus humanus capitis De Geer (Anoplura: Pediculidae) from Buenos Aires, Argentina* J. Med. Entomol. v.40, p. 447-450, 2003.